

**TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E TEOLOGIA FEMINISTA: TENSÕES,
DISCURSOS E RECEPÇÃO ENTRE AS MULHERES DA CEBS EM MONTES
CLAROS/MG.**

**LIBERATION THEOLOGY AND FEMINIST THEOLOGY: TENSIONS,
DISCOURSES AND RECEPTION AMONG THE WOMEN OF THE CEBS IN
MONTES CLAROS/MG.**

Letícia Rocha¹

Resumo

Neste texto propomos uma discussão acerca das origens e do desenvolvimento das Teologia da Libertação e Teologia Feminista, as tensões epistemológicas entre ambas, bem como a recepção dessas pelas mulheres das CEBS, da cidade de Montes Claros-MG. Estas são teologias contextuais ou descolonizadoras, circunstanciada e condicionadas ao espaço sociocultural, histórico e religioso emergente do sul global, que evocaram e deflagraram as situações de opressões e empobrecimento em que vivem parcela da população das Américas e Caribe.

Palavras-chave: Teologia da Libertação, Teologia Feminista, Mulheres, CEBS

Abstract

In this text, we propose a discussion about the origins and development of Liberation Theology and Feminist Theology, the epistemological tensions between both, as well as the reception of these theologies by women from the CEBS in the city of Montes Claros, Minas Gerais. These are contextual or decolonizing theologies, circumstanced and conditioned to the emerging sociocultural, historical and religious space of the global south. They have evoked and deflagrated the situations of oppression and impoverishment in which part of the population of the Caribbean and Americas lives.

Keywords: Liberation Theology, Feminist Theology, Woman, Ecclesial Base Communities (CEBs)

O texto a seguir é parte da dissertação de mestrado em Ciências da Religião, defendida em 2019, na Universidade Metodista de São Paulo, a qual se intitula, Mulheres e CEBS² em Montes Claros: Descolonialidade e Empoderamento. Esta pesquisa ancorada nos aportes

¹ Mestra em Ciências da Religião-Universidade Metodista de São Paulo; graduada em Ciências da Religião-Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES, especialista em Neuropsicologia Educacional-Faculdades Santo Agostinho; e-mail: lleticia81@yahoo.com.br

² Comunidades Eclesiais de Base.

teóricos decoloniais com foco no feminismo decolonial e da teoria do Empoderamento, consistiu no esforço de refletir e problematizar a participação e as transformações ocorridas na trajetória de vida das mulheres inseridas nas Comunidades Eclesiais de Base-CEBs, da Paróquia São Sebastião, na cidade de Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Consideramos para a análise os anos que medeiam entre 1985-1995, período de maior efervescência e disseminação dessas comunidades na cidade e região, segundo literatura consultada.

Ao falarmos de CEBs é preciso obrigatoriamente evocar a Teologia da Libertação, fonte epistemológica que alimenta os pressupostos dessas comunidades. A teologia da libertação é uma teologia contextualizada ou, também decolonial. Justificamos tal intento, porque ela nasce na diferença colonial³, portanto, tem suas atoradas/atores e interlocutoras/es alocadas/os nesse espaço. Esse fazer teológico significou para o continente latino-americano assumir a sua história colonial, e os seus povos colonizados, na busca de sua própria identidade. Nesse sentido, a teologia da libertação foi libertadora ao enunciar a própria experiência do continente, desvencilhando das narrativas hegemônicas utilizadas para contar suas histórias. Ademais, impulsionou uma produção teológica que parte das necessidades prementes dos povos da América Latina, prescindindo de modelos teológicos europeus.

A teologia da libertação, como uma corrente de pensamento, emerge na América Latina na década de 1960 do século XX, considerada uma das grandes elaborações teológicas do cristianismo no referido século. Ao lado desta teologia outras teorias genuinamente latino-americanas surgidas no último século, causaram impacto local e mundial, são: Pedagogia do Oprimido, Teoria da Dependência, e a mais recente Colonialidade do Poder (SEGATO, 2015). Tais teorias elaboradas no cerne da América Latina cruzaram e dividiram o Norte e o Sul global e encontraram espaço entre outras formulações existentes, consagradas no meio social e acadêmico. Essas teorias foram inovadoras ao enunciar e, especialmente, denunciar situações de exclusão social, econômica, cultural, histórica e religiosa que assolam o sul do mundo, questões até então inauditas nos ambientes acadêmicos.

Este modelo teológico consiste na tentativa de alguns luminares masculinos como o peruano Gustavo Gutierrez, os brasileiros Hugo Assmann e Leonardo Boff, o argentino

³ Para Mignolo (2003, p.10), “A diferença colonial é o espaço onde emerge a colonialidade do poder. A diferença colonial é o espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem; é o espaço onde os projetos globais são forçados a adaptar-se, integrar-se ou onde são adotados, rejeitados ou ignorados. A diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta”.

Enrique Dussel, radicado no México e Rubem Alves⁴ de entender e escrever as reflexões teológicas a partir das situações de exclusão, pobreza e opressão do povo latino-americano. Sobre seus fundadores, o sociólogo e pensador crítico latino-americano Michel Löwy (1991, p. 41) argumenta que “Hugo Assmann, 1970 desempenha um papel pioneiro, elaborando os primeiros elementos de uma crítica cristã e libertadora ao desenvolvimentismo”.

Desta forma, Hugo Assmann é o primeiro a esboçar algo que depois viria a ser denominado teologia da libertação. Em seguida, reitera Löwy (1991, p. 41) que foi em “1971 com Gustavo Gutierrez que a teologia da libertação nasceu realmente. Vale ressaltar também a relevância da obra intitulada *“Teologia da libertação-perspectivas”*. Assim, Gustavo Gutierrez é considerado efetivamente o pai desta teologia. Em seu livro, ele nos oferece um esboço do que é esta teologia e sistematiza o pensamento teológico da libertação. É preciso dizer que a teologia da libertação não possui somente um escopo teórico, mas logo se apresentou como teoria voltada para a prática.

Ao definir tal teologia, Dussel (1992, p. 48) enfatiza que “se trata de una teologia-ética pensada desde la periferia, desde los marginados, desde los lumpen del mundo”. É uma teologia que difere das formuladas até então, como fonte viável para fazer a leitura da complexa realidade dos povos latino-americanos. A teologia da libertação retira da Igreja a ideia assistencialista, e a coloca em contato direto com as mazelas e querelas sofridas pelos seres humanos.

Vista a partir desse prisma, a teologia da libertação é um produto da modernidade, portanto, dialoga com ela, bem como faz uso das ciências humanas, tais como: Ciências Sociais, Antropologia e Ciência Política aportes que farão possíveis as reflexões estabelecidas pelos teólogos. O método utilizado por essa teologia favoreceu que os membros da Igreja pudessem se posicionar, apoiar e agir de forma mais efetiva. Tendo como referência a realidade, acerca-se das Ciências Sociais como lente desveladora dos mecanismos que geram opressões, bem como o acesso à bíblia com uma nova exegese que favoreça a leitura popular (BEOZZO, 1993).

Salientamos que os contributos do pontificado do Papa João XXIII e o Concílio Vaticano II (1962-1965), favoreceram o surgimento desta teologia. Igualmente, foram importantes as mudanças ocorridas na América Latina, no âmbito social e político, que apontaram novos direcionamentos para a igreja local. Löwy (1991, p. 34), destaca tais

⁴ Este último no campo protestante, para indicar que tal teologia não foi uma iniciativa somente de católicos, mas tiveram outros nomes que dedicaram especial atenção a essa fonte de conhecimento.

mudanças ocorridas no continente. Para ele, a “industrialização do continente a partir dos anos 1950, Revolução Cubana, em 1959, inicia novo período histórico na América Latina, intensificação de lutas sociais, aparição de guerrilhas, a sucessão de golpes de Estado militares”. Os fatores elencados por Löwy conduzem a Igreja latino-americana e, especialmente, a brasileira a pensar em formas de atuação mais condizentes com a realidade que aquele momento exigia.

A teologia da libertação se desenvolve extensamente na América Latina e no Caribe. Aufere repercussão internacional e desperta a atenção do Vaticano que, a partir da década de 1980, enceta um período de caça e combate à Teologia da Libertação e de seus autores/as por meio da figura do então Papa João Paulo II e seguido do Papa Bento XVI. Atualmente, a teologia da libertação apresenta novas perspectivas de análises e evoca temas como a ecologia, tendo um dos grandes expoentes o autor Leonardo Boff que tem realizado diversos aportes. Na articulação entre essa teologia e economia, tem nas elaborações do teólogo Jung Mo Sung um dos seus principais sistematizadores. Entendemos, a partir desses exemplos, que a teologia da libertação tem buscado ressignificar seu legado. No tocante, à sexualidade, gênero e à vida das mulheres são vislumbradas, principalmente, pelas teólogas feministas, conforme veremos a seguir.

Dessa forma, essa teologia concede lugar para novas formulações e possibilita o ressurgimento desses grupos e culturas subsumidas como, por exemplo: teologia indígena, negra e feminista. São temáticas pouco contempladas nas teologias existentes. Tudo isso nos permite afirmar que com a teologia da libertação, a América Latina e Caribe experimentam em seu bojo o processo de descolonização ao permitir a emergência de povos e culturas, assim como realizar uma leitura a partir das histórias destes. Após este recorrido pela teologia da libertação, e alguns de seus aspectos, entraremos no universo da teologia feminista.

Em 1968 irrompe a Teologia Feminista, com o lançamento da obra *A Igreja e o Segundo Sexo*, da filósofa, teóloga, lésbica e feminista Mary Dayle. Essa obra teve grande repercussão acadêmica e eclesial, bem como rendeu a demissão da referida autora da universidade onde trabalhava, dirigida pela congregação dos padres jesuítas nos Estados Unidos. Na obra em questão, Dayle, orientada pelo pensamento da filósofa e feminista francesa Simone de Beauvoir que, em 1949, lançou a obra seminal *O Segundo Sexo*, livro que se tornou, naquela época, referência para as feministas e estudos feministas. Mary Dayle desenvolveu críticas intransigentes ao cristianismo no que diz respeito à participação e à

atuação pastoral de mulheres, críticas que depois as teólogas feministas latino-americanas retomam com bastante acuidade em suas obras.

Dessa forma, a teologia feminista eclode nos Estados Unidos e se dissemina por todos os continentes. Na América Latina, essa teologia impacta a teologia da libertação, esse foi o caminho que possibilitou o avanço para as reflexões desse fazer teológico feminista no continente. A teologia feminista alimenta-se dos pressupostos da teologia da libertação, contudo, avança, evoca discussões e provoca questionamentos que são caros ao cristianismo, como questões referentes à sexualidade, ao corpo, às imagens patriarcais de Deus, gênero, ausência de mulheres nos ministérios ordenados, dentre outros assuntos que foram silenciados em certa medida pela teologia da libertação.

O movimento e a experiência feminista, os movimentos de mulheres com larga trajetória na América Latina, alimentaram e impulsionaram a teologia feminista. As teólogas feministas Aquino e Tamez (1998, p. 16) discorrem sobre o conceito dessa teologia e assim a definem:

La teologia feminista latinoamericana se autocomprende como una reflexión crítica sobre la vivencia que las mujeres tenemos de Dios dentro de nuestras prácticas que buscan transformar las causas que producen empobrecimiento y violencia contra las mujeres como grupo social, con el fin de avanzar hacia nuevas relaciones sociales basadas en la justicia y la integridad de vida para las mujeres y para todo organismo de la tierra.

Nessa perspectiva, a teologia feminista é a teologia que tem como figura principal a mulher, com seu labor, lutas, sonhos de transformação da sociedade e da Igreja, enfim da libertação. Carrega em seu bojo a peculiaridade de fazer uma reflexão que lança mão da vivência e experiência da mulher, especialmente da pobre e oprimida da sociedade. Nesse sentido, possui como objetivos principais o que segue proposto pelas mesmas autoras acima (1998, p. 21):

Nuestro quehacer también tiene el propósito de ofrecer una reconstrucción de los símbolos cristianos, de las fuentes y de las tradiciones religiosas que fundan la autoridad de las mujeres. Igualmente, buscamos nuevos paradigmas en el campo de los estudios de género que nos permitan interpretar, explicar y actuar sobre los aspectos que envuelven la experiencia de las mujeres, como la vida cotidiana, la sabiduría práctica, la condición racial, sociedad y sexualidad, poder y violencia, salud y derechos reproductivos, estética y política, autonomía intelectual y campos de espiritualidad común, entre otros.

Os objetivos propostos por essa teologia impulsionaram o empoderamento da mulher no âmbito eclesial e também social. Ao expressarem com suas próprias palavras e experiências concepções de Deus, de Igreja e de sociedade desde a ótica da mulher. Igualmente, empoderaram suas interlocutoras inseridas nas periferias desse grande continente, na medida em que reconhecem seus direitos e começam a sair do mundo doméstico e se lançam para o mundo da política, da cultura, das associações, dos sindicatos e outros. Em consequência, tornam-se autônomas, insubmissas nas relações constituídas, sujeitos da sua própria história, ao romperem com os poderes patriarcais impostos que as subjugaram.

Na América Latina, as mulheres que haviam sido esquecidas pelas teologias construídas no bojo do cristianismo encontram na teologia feminista o aporte necessário para dialogar com as vicissitudes do cotidiano. Tal saber teológico aproximou-se do universo cotidiano de várias mulheres inseridas nas CEBs, impulsionando suas ações, concedendo uma nova consciência do ser mulher e do seu papel na Igreja e na sociedade. Muitas mulheres leigas ou religiosas assumiram esse fazer teológico e contribuíram extensamente para o desenvolvimento dessa teologia e para incluir questões que na visão dessas foram omitidas pelas teologias existentes.

Na visão das teólogas feministas, a teologia da libertação renunciou ao cotidiano, pois, para os teólogos, as mulheres eram contabilizadas no grupo que costumeiramente era chamado de marginalizado. Assim, não concederam atenção às especificidades do mundo feminino. É preciso dizer aqui que ambas as teologias, da libertação e feminista, cada uma a seu modo, prestou serviço à sociedade latino-americana, ao questionar e denunciar questões muito específicas da Igreja, e da sociedade latino-americana que carrega consigo expressões de colonialidade. Ao denunciar as sequelas do colonialismo, a colonialidade presente na sociedade e na Igreja, contribuem para a emergência da decolonialidade que supõe a transformação da consciência individual e coletiva, que perpassa as identidades, sexualidades, corpos, religiões, ressignificações da história, etc.

Com referência aos temas contemplados por teólogos da libertação, alguns abordaram a relação entre homem e mulher, a exemplo de Júlio de Santa Ana, Pablo Richard, Leonardo Boff, Enrique Dussel, dentre outros. Procuraram trabalhar a importância da mulher, mas nenhum desses debruçou-se sobre questões que dizem respeito aos direitos, à participação nas instâncias de poder eclesiástico, ao corpo, aborto, gênero, às imagens patriarcais de Deus,

dentre outros aspectos questionados pelas teólogas feministas. Nesses aspectos, encontram-se tensões entre a teologia da libertação e a teologia feminista.

Muitas mulheres que assumiram a versão feminista da teologia realizaram críticas aos teólogos da libertação, no entanto, optamos por apresentar nesse estudo a crítica realizada pela teóloga Marcella Althaus-Reid, por considerá-la uma das críticas mais contundentes, incisiva e ousada no campo teológico feminista, mas que também contribui para nos aproximar das questões que evocamos referentes às colaboradoras dessa pesquisa. Para compreendermos a crítica dessa autora, acionaremos brevemente alguns aspectos da sua teologia.

Marcella Althaus-Reid (1952-2009) argentina, teóloga da libertação e feminista pós-colonial. Protestante de tradição Metodista, nos últimos anos de sua vida adotou a Igreja da Comunidade Metropolitana (igreja dedicada à participação e a acolhida do público LGBTIQIA+). É uma autora ainda pouco conhecida do público de língua portuguesa, em razão das suas obras não terem sido traduzidas para o idioma. Em 2019 foi traduzida sua primeira obra em português, intitulada, *Deus Queer*. Seu pensamento fortemente marcado pelos ideais da teologia da libertação e feminista, não a impediu de desenvolver críticas severas e, também, de transcender os modelos vigentes de tais teologias, o que realiza desde a ferramenta teórica metodológica pós-colonial⁵.

Sua teologia está baseada na sexualidade e na diversidade sexual, por isso, ela afirma que faz uma teologia sexual da libertação (ALTHAUS-REID, 2008). As críticas assentadas pela referida autora são voltadas para o campo da sexualidade. No seu entendimento, a teologia e, por sua vez, os teólogos rechaçaram essa dimensão humana que possui intrínseca relação com as estruturas sociais e com as posturas das mulheres investigadas nesse trabalho no tocante às questões concernentes à sexualidade. Dessa forma, Althaus-Reid (2008, p.59) enuncia que “En la teología de la liberación, se ha utilizado un concepto biológico de la sexualidad, mediado por el discurso médico de la sexualidad en el siglo XIX-XX y con un fundamento que viene de la mal informada biología medieval”. Este conceito utilizado pela teologia não leva em consideração as mudanças ocorridas na sociedade no que se refere à diversidade sexual, portanto, criminaliza e inferioriza pessoas, especialmente as LGBTIQIA+.

Em seguida, a autora faz uma crítica aos moldes teológicos utilizados para fazer a leitura da realidade em uma época com constantes mudanças. Acompanhamos seu pensamento (p. 60):

⁵ Segundo Ochy Curiel (2014, P.48), “La definición de ciertas posiciones feministas como postcoloniales, si bien ha sido importante como lugar de enunciación crítica al feminismo hegemónico, no ha conllevado una suficiente profundización de sus contextos y, sobre todo, de la episteme de la cual parten”.

Letícia Rocha

Curiosamente, estamos en una época en que en teología usamos elementos sofisticados para entender la realidad, como por ejemplo, el materialismo histórico, la antropología social, los estudios culturales. Estudiamos la Biblia con mediaciones de la semiótica, del postestructuralismo, con perspectivas postcoloniales. Y cuando llegamos al tema de la sexualidad, reversionamos a una posición medieval de la iglesia basada en Aristóteles que de biología sabía menos que de su misma sexualidad.

Na visão de Althaus-Reid, a teologia da libertação não rompeu com o imaginário sexual estabelecido pela teologia Ocidental, por meio da análise de classe excluiu de seu horizonte o cotidiano, o idealismo sexual, bem como esqueceu o cotidiano de vida das pessoas do continente. Para isso, propõe uma nova forma de pensar e fazer teologia da libertação. Assim, estabeleceu uma teologia que designou como teologia indecente (2005, p. 12), ou seja: “Teología Indecente no es sino la que cuestiona y desnuda las míticas capas de opresión múltiple em Latinoamérica” (2005, p.12). É uma teologia ética coerente com o cotidiano de milhares de mulheres e homens desse continente. É fazer teologia levando em consideração as experiências sexuais diferentes. Dessa forma, a teologia indecente quer romper com o padrão heteronormativo colonial hegemônico estabelecido e aceito pelo cristianismo e sua teologia como única forma de se experimentar a sexualidade. A sua crítica se estende também à teologia feminista. Em entrevista concedida à Revista Época em sua primeira e única passagem pelo Brasil, em 2004, ela afirmou:

Critico a teologia feminista porque é uma teologia de igualdade. E eu busco uma teologia da diferença. Deus não é mãe. Botar a mãe no lugar do pai é só uma troca de roupagem. Não me interessam as metáforas de maternidade e de paternidade. São coloniais. Madre Espanha, Madre Portugal, Madre Igreja. Elas implicam a existência de uma menor de idade. E eu quero sair disso.

Concordando com Althaus-Reid ambas as teologias, de modo especial, a teologia da libertação contribuiu para legitimar a colonialidade do poder e de gênero no meio cristão, colonialidade que se expressa, por exemplo, na linguagem dos documentos pontifícios, nos quais existe um forte apelo lançado à mulher para ser mãe e esposa, tendo o modelo mariano como o legítimo e aceito. Tais expressões podem ser verificadas nas falas das mulheres das CEBS da paróquia São Sebastião.

As CEBS foram o canal prático da teologia da libertação e da teologia feminista na América Latina, que permitiu alcançar as comunidades. Nos parece que entre o discurso da

teologia da libertação e da teologia feminista, o primeiro provocou maior fascínio entre as mulheres da paróquia São Sebastião entrevistadas nesse estudo. O que pode ser verificado nas falas que seguem.

Nossas colaboradoras, ao serem questionadas sobre assuntos relacionados com a violência contra mulher, machismo, participação de mulheres na Igreja, aborto, maternidade, imagens de Deus, cada uma a seu modo nos responde, porém algumas apontam dados superficiais relacionados as questões mencionadas. O que nos leva a considerar a ausência de uma reflexão de cunho feminista nas comunidades, ou o desconhecimento, ou ainda relativizaram tal teologia.

A teologia feminista se comparada a teologia da libertação não alcançou as comunidades eclesiais uniformemente, devido questionar e desnudar questões pouco ou nada discutidas no interior da Igreja, ponto de tensão entre ambas. Nesse sentido, esse fazer teológico ainda é muito pouco conhecido, silenciado, enfim, não há respaldo acadêmico ou eclesial o que dificulta a sua disseminação. Talvez, esses tenham sido os motivos de não ter alcançado as trajetórias das colaboradoras deste estudo. Seguem os diálogos que estabelecemos com as mulheres acerca de questões concernentes a violência doméstica, machismo, participação da mulher na Igreja, maternidade e aborto.

Sobre violência doméstica a colaboradora **M.^a de Fátima do Nascimento** relata que:

Difícil, tinha marido que não deixava as mulheres ir participar. Tinha marido ruim espancava a mulher. Isso tudo nós passava. A gente chamava até a polícia, a gente ajudava. Tinha uma amiga nossa que apanhava direto, ela tinha medo de chamar a polícia. Mas eu tinha um marido muito bom, ele era um anjo pra nós.

Já **Celecina Madureira** também tem opinião parecida, afirma: “Tinha mulheres que enfrentavam a resistência dos maridos, eu graças a Deus não sofria”. Questionamos, então, existiam casos de violência doméstica nesse período? Com isso, ela respondeu: “Não era tão forte naquela época, era oculta, porque hoje se fala mais, mas naquela época elas tinham tanto medo, que se calavam uma ou outra que comentava”. A entrevistada lembra que nesse período não existia uma lei que amparasse as denúncias dessas mulheres. Perguntamos, então, sobre a postura do marido dela: “Eu no meio de muitas...tinha a facilidade que o meu até participava, ia nas reuniões comigo, eu não posso reclamar, que muitas das nossas companheiras sofriam com a não aceitação dos maridos”. “Quando ele não ia, não importava que eu fosse ele aceitava, até ficava com as crianças”.

Francisca Rodrigues destaca que a violência existia não apenas dentro de casa, mas em outros ambientes, porém, a falta de conhecimento e informação geravam o silêncio e o isolamento das mulheres, nesse sentido ela afirma:

Olha aquele tempo, e quando eu falo aquele tempo é porque já tem mais de 40 anos que eu estou aqui. Então, naquela época não tinha o conhecimento e a informação que tem hoje, às vezes muitos casos que acontecia, mas ficava isolado, detido dentro da família, né?! Um ou outro que você sabia. Às vezes, a mulher não sabia de seu direito. E quando se fala de violência doméstica não só dentro da família, mas fora, no trabalho, verbal ou exploração no trabalho ou né?! A injustiça. Hoje as mulheres estão mais informadas, mais espertas conhecem seu direito, naquele tempo já havia essa organização, né?!

Para **M.^a Isméria Ezequiel**, a violência doméstica não foi empecilho que a levasse desistir de participar da CEBs, mas ao contrário foi nesse espaço que encontrou motivação para resistir e vencer, como podemos constatar em relato:

Eu fui uma pessoa, quando eu casei eu não conheci a família de meu marido, entendeu? Conhecia assim de fachada, de ver e foi um ano, quase dois de conhecimento e de namoro, casamos foi muito rápido. Depois de casada que eu fui ver a realidade, o que era a vida de casada. Eu casei muito nova, casei com 18 anos. Então, aí começou a tribulação da vida. E eu fiquei nesse sofrimento até mais ou menos um espaço que eu já tinha uns 2 ou 3 filhos que foi a época que eu conheci as CEBs. Foi através das CEBs que eu fui é, amadurecer, o que eu podia fazer na minha casa e o que não podia. Até nesse ponto aí eu fui uma pessoa que apanhei de marido, perdi a minha liberdade dentro de casa, não tinha liberdade de conversar com as pessoas, de sair. Eu consertei minha vida foi através das CEBs, foi onde eu aprendi que eu não podia ficar calada, que eu tinha que responder. Tinha época que eu saía pra reuniões chegava, e a casa tava toda quebrada, mas eu pensava, não vou afastar da igreja. Foi onde eu aprendi a me abrir também, procurar as pessoas certas. Comecei a ter contato com Pe. Tardin, expliquei pra ele minha situação, aí ele foi me ajudar, e consertou minha vida de casada. Na minha época, era muito fácil homem socar mulher e ela ficar calada.

A violência psicológica experimentada por **M.^a de Fatima Monção** é mencionada em seu depoimento como a pior forma de agressão contra a mulher. Nesse sentido, ela se posiciona: “Eu vivi muita violência psicológica que é a pior de todas. Hoje em dia não aceito isso mais pra minha vida não. Se tenho oportunidade de ajudar outras mulheres eu ajudo”.

Diante dos relatos expostos pelas nossas colaboradoras, recordamos os dados do dossiê sobre *Violência Doméstica e familiar*, realizado pela Agência Patrícia Galvão, em 2015: “No Brasil, estima-se que cinco mulheres são espancadas a cada 2 minutos; o parceiro

(marido, namorado ou ex) é o responsável por mais de 80% dos casos reportados”.⁶ Tais dados são recentes se comparados à época das narrativas desse estudo.

Pelas questões expostas por nossas entrevistadas, a violência doméstica perpassava a vida das mulheres que compõem as comunidades de base da paróquia daquela época. De modo que a violência naquele tempo era algo naturalizado, comum e velado. Sofrer violência dos companheiros era um ato permitido, embora uma tenha citado que chamava a polícia, outras falaram do impedimento de alguns companheiros das colegas dos grupos em apoiar a participação nas comunidades. As demais afirmaram a compreensão dos seus companheiros que permitiam a participação nas comunidades. As colaboradoras M.^a Isméria Ezequiel e M.^a de Fátima Monção, que relataram terem sofrido violência dos seus companheiros, ao final afirmaram que a participação nas CEBs contribuiu para dar fim a essa situação de violência e autoritarismo dos seus companheiros.

Outros aspectos evocados nas entrevistas estão relacionados ao machismo experimentado pelas mulheres na família e na Igreja. Sobre essa questão, obtivemos as seguintes respostas de algumas das colaboradoras:

Nossa colaboradora **M^a Rita Rios**, ao ser questionada sobre o machismo na Igreja, respondeu:

Sim, machista. Muito machista (risos).

Letícia Rocha: Como você lidava com o machismo existente na Igreja?

M. Rita Rios: Houve momentos que eu fiz como Maria, eu guardei no coração e meditar até encontrar o porquê, mas muita coisa até hoje eu não entendi, nem aceitei e nem engoli. Eu continuo ainda tendo algumas dificuldades porque falam, mas não fazem. Falam da mulher, presença da mulher, mas sempre se tiver uma mulher e um homem, o homem vai ser escolhido. Porque, inclusive, foi uma coisa que me marcou, e chegou a me ofender. Nos tempos de padre José Pedro aqui na paróquia, ele adoeceu, e o padre Paulo Lisboa veio ficar, né? E o padre Paulo foi assim uma das pessoas que eu mais vi reconhecer o trabalho e o papel da mulher. Ele não tinha vergonha de falar que a gente que fazia e acontecia, sabe? Ele sempre incentivou e falou. É... nunca nenhum padre tinha falado isso. A gente trabalhava, trabalhava, trabalhava, mas você nunca era mencionada e citada, e ele não, fazia questão. Não é por vaidade, mas a gente queria saber se realmente era alguém, ou se era um número a mais.

Letícia Rocha: E a que conclusão chegou?

M. Rita Ornellas: Cheguei, cheguei sim. Que eu era só uma a mais (risadas). Porque ia haver um conselho, um congresso, alguma coisa lá em Itaici com os jesuítas, e pediram leigos representantes de cada paróquia. E eu me lembro na época Padre Paulo veio a minha casa, eram dois leigos, e falou assim, oh! estou querendo que seja você e a Dorinha que vão nos

⁶ Os dados são do período da pesquisa, em 2018.

Letícia Rocha

representar. Você aceita? Bom, a gente vai, né? Fiquei muito feliz assim... com aquilo, de poder... uma mulher ir representar a paróquia com outra mulher em Itaici. E, depois eu vi que o Padre Paulo estava meio constrangido, ele me rodeava... cheio de dedos e tal, e um dia acho que ele não teve mais jeito, e me comunicou que naquele lugar, naquela representação eu não iria mais porque foi feita uma conversa lá entre eles, os da casa, e que achava melhor que fosse um homem. E ele foi, e eu fiquei indignada com aquilo, nunca engoli, sabe?

Sobre esse fato citado por M^a Rita Rios, a autora Delir Brunelli (1988, p. 40) alertou: “...a mulher participa da vida eclesial, da ação evangelizadora e dos movimentos populares tanto quanto seus irmãos e companheiros homens. Sua luta pela vida e sua participação nas lutas libertárias acontecem ao lado de seus companheiros. Mas ainda é importante a tomada de consciência da opressão específica da mulher”. São as mulheres que carregam com força e determinação as CEBs, lutam pela libertação e a opressão que pesam sobre a vida do povo, no entanto, a igreja ainda não reconheceu a opressão específica que a mulher sofre em seu meio, e afirmamos que não há ações que indicam que possa haver mudanças no cerne da igreja relacionada à tal questão. Nos discursos do Papa Francisco, ele eleva o trabalho dos leigos instigando-os a assumir cada vez mais sua identidade de cristão católico no serviço e nas decisões das comunidades, paróquias e dioceses. Contudo, no que se refere à mulher, o Papa ainda está devendo um pronunciamento pontual (OROFINO, 2018).

Ao ser perguntada se a participação nas CEBs ajudou para que tivesse uma outra visão no que se refere à relação entre mulher e homem, **Celecina Madureira** recordou que:

Mais ou menos porque tinha um monte de dificuldade, porque tinha homens que faziam críticas dizia que essas mulheres não tão com nada, não faz nada. Essas mulheres só caminhando pra cima, e pra baixo (risos) fazia esse tipo de comentário. Eu penso que seria ciúmes, porque a gente tava trabalhando para trazer as coisas pra cá e eles, nada. Então, foi difícil tinha uns que até parabeniza, falava que o bairro esta melhorando.

Letícia Rocha: Então, não pensavam em igualdade?

Celecina Madureira: Não, era muito machista.

Letícia Rocha: E hoje, continua o machismo?

Celecina Madureira: Continua. Naquela época então, oh meu Deus! Era um grupo signficante pela quantidade, eh por essas dificuldades, por essa resistência dos homens, mas tinha muitas mulheres que tinha vontade de participar, e os maridos não deixavam.

Letícia Rocha: Na época, os companheiros impediam suas companheiras de participar?

Celecina Madureira: Era sim.

Letícia Rocha: E nenhuma tinha coragem de enfrentar os maridos?

Celecina Madureira: Não, sabe? (meio engasgada), não tinha uma força, uma coragem de sobressair, elas tinham medo dos maridos.

Letícia Rocha

Letícia Rocha? E como pessoalmente enfrentava isso?

Celecina Madureira: Nos grupos, nos debates, no grupo de reflexão, eu falava que a gente não podia calar diante de questões dessas, tinha que falar, tem desafios, mas temos que mostrar que somos fortes. Nós que temos de olhar marido, filho e ainda sair para reuniões, rezar, fazer esses encontros de CEBs. Aí é... eu falava que os maridos têm que ter a gente como uma companheira, não como alguém uma submissa a tudo. Temos que abrir a esse companheirismo, que abram a cabeça. Eu falava isso.

O relato a seguir está relacionado ao machismo na família, sobretudo ligado à figura do pai, como mostrou em seu depoimento **M^a Ismeria Ezequiel** ao afirmar que:

Meu pai ele não tinha leitura, ele não incentivava a gente nada. Esse pouco que a gente estudou porque mamãe tinha a 4^a série, e ela incentivava a gente a estudar e meu pai não. Meu pai era muito machista, mulher não precisa de estudar não, mulher era tomar conta de fogão.

Entendemos que todas essas mulheres participantes dessa pesquisa encontram-se sobre a égide católica, portanto, são vítimas do machismo e do patriarcalismo que impera nessa tradição religiosa. Algumas delas afirmaram que, ao se inserirem nas CEBs, conquistaram conhecimento dos seus direitos como mulher. É importante ao estudarmos mulheres que vivem no sertão Norte Mineiro, considerarmos que este local é culturalmente machista e patriarcal. Na origem da cidade de Montes Claros, encontramos as bases do machismo e do patriarcalismo. Construída a partir de fazendas que se sustentavam com a criação de gado e a plantação de cana de açúcar, essas fazendas eram governadas pela figura do pai, o chefe da família que possui plenos poderes na casa e a na fazenda, relações de domínio que contribuem para a sustentação e predomínio do machismo e patriarcalismo (SOUZA, 2009).

Ao que concerne à participação da mulher na Igreja, **M.^a Rita Rios** relatou sua experiência que antecedeu o Concílio Vaticano II, e as dificuldades enfrentadas enquanto mulher para participar da Igreja. Logo após a inserção na CEBs, algumas mudanças na maneira de pensar da colaboradora puderam ser percebidas:

Eu fui criada, eu participei, na época do Concílio Vaticano II eu já estava raciocinando, vivi naquela igreja da missa de costa, sofri alguns constrangimentos assim, até um dia num casamento, o padre que depois se tornou um grande amigo meu, padre Janjão, ele me convidou a ficar na porta da igreja porque eu estava com vestido de maguinhas curtas, manguinha japonesa (risadas), e eu não pude participar do casamento, então algumas coisinhas assim, que deixava meio sem entender aquele negócio. Vivi e

Letícia Rocha

convivi com muitos padres, naquele tempo, as confissões, o olhão de Deus, aqueles negócios todo, eu vivi isso. Depois eu mesma fui entender melhor quem era Deus na minha vida, às vezes até assim, sozinha, né? Eu fazia minhas reflexões, e com a participação nas CEBs realmente eu descobri esse Deus pai e mãe, né? E ficou muito forte na minha cabeça e no coração, Deus é pai então somos irmãos.

Letícia Rocha: Você acha que na forma de tratar a mulher houve mudanças na Igreja?

M.^a Rita Rios: Ah, Eu acho que não, sabe? Nós ainda somos tarefeiras, eu acho que ainda somos. Porque na hora da decisão a gente não tem muita voz não.

As mudanças que podem ser notadas se restringem ao âmbito pessoal das colaboradoras, enquanto na parte institucional não é possível perceber avanços significativos da parte da Igreja, como **Francisca Rodrigues (2018)** mencionou:

Letícia Rocha: Você pensa que hoje a Igreja tem mais abertura para a mulher? Qual é a sua visão?

Francisca Rodrigues: Não, vejo assim como um todo não, ainda vejo assim muito domínio dentro da igreja.

Letícia Rocha: Que tipo de domínio?

Francisca Rodrigues: Por exemplo, a liderança, a mulher tem sim essa abertura na igreja, mas ainda há muito domínio, eu quero dizer assim essa parte, como liderança. Eu não vejo isso assim como, por exemplo: Estamos no ano do laicato, (...), o leigo isso aquilo e outro, mas eu não vejo toda essa abertura, qualquer coisa o leigo tá sendo tizorado, podado.

Na memória de **M.^a Ismeria Ezequiel**, ficou marcado o momento em que a mulher teve acesso ao altar do templo, um espaço conquistado, menciona, inclusive, tanto o momento no qual sua filha foi uma das pioneiras ao se tornar coroinha⁷, quanto a oportunidade que teve de passar a realizar as leituras durante as celebrações.

Letícia Rocha: O que marcou nessa caminhada de CEBs a sua vida?

M.^a Isméria Ezequiel: Foi ver o direito da mulher de ajudar nas celebrações porque a mulher dentro da Igreja nas missas ficava lá sentadinha, era só homem que participava lá na frente, no altar. Quando minha menina foi ser coroinha na época, não tinha menina mulher coroinha, era só menino homem, ela foi ser coroinha pra mim foi uma vitória. Oh, minha menina! Estava servindo o altar junto com o padre. E que eu conseguia subir no altar pra fazer uma leitura. Porque eu lembro bem da missa em latim que o padre tava lá de costa, e a gente só entendia o amém. Então, pra mim foi o que mais me marcou poder participar, fazer uma leitura no altar.

Letícia Rocha: Então, o que mais te marcou foi essa presença ativa da mulher na Igreja?

⁷ Crianças que colaboram nas celebrações das comunidades, mais especificamente no altar com o sacerdote.

Letícia Rocha

M^a Isméria Ezequiel: Foi, foi eu lembro antes dos 13 anos que a gente ia na igreja na missa, o padre celebrava de costa, né. A gente olhava os padres lá pelas costas, e pronto. Aí quando pegou aí meus 17 anos eu já vi a diferença, eu que vi que tava mudando, tentando mudar.

O relato a seguir demonstra que o espaço conquistado pela mulher dentro da Igreja é limitado, mesmo com sua atuação efetiva. Novamente, outra entrevistada, **Flávia Almeida**, destaca que elas são deixadas de fora no que concerne às decisões consideradas importantes no âmbito eclesial. No entanto, também se nota que existe uma intenção e disposição em lutar pela conquista desse espaço ainda não ocupado pela mulher:

Letícia Rocha: E sobre a participação de mulheres na Igreja, você acha que tem aberto canais significativos de participação? Mas também na sociedade e na política?

Flávia Almeida: A mulher é presença viva, mas a igreja nunca dá espaço, a igreja tá fechada com relação à mulher. Nós mulheres ainda devemos lutar muito, os espaços estão fechados na política, no trabalho, na religião. Elas servem para eucaristia, mas coisas importantes ainda não. É um desafio a participação, a valorização da mulher. Nas lutas das audiências públicas sempre vão as mulheres, de referência são as mulheres da paróquia aqui, e todas elas foram que viveram aquela espiritualidade das CEBs (FLÁVIA ALMEIDA, 2018).

Mesmo compondo a maioria dos membros das comunidades, dos eventos organizados nos níveis diocesanos, estaduais e nacionais, a mulher ainda não é tão valorizada no espaço eclesial. **M^a de Fatima Monção** compartilha, por exemplo, a opinião das outras entrevistadas e destaca que falta, por parte da Igreja, valorizar mais a mulher:

Letícia Rocha: E como você vê a participação da mulher na igreja?

M.^a de Fátima Monção: Oh, eu acho assim, sabe, melhorou um pouco antes era mais fechado, mas hoje em dia ainda não tá uma igreja muito aberta não, né? Tem muitas coisas que é só para homens, né? Mulheres, muitas vezes é deixadas de lado. Não acho que a mulher é tão valorizada na igreja igual ela deveria ser. E não deveria ser assim, quando a gente chega em qualquer encontro a maioria é mulher, mas mesmo assim, a igreja ainda esta fechada.

As informações fornecidas pelas nossas colaboradoras nos permitem entender que experimentaram dois modelos de Igreja, um antes do Concílio Vaticano II, uma Igreja fechada para a participação de leigas/os, especialmente, da mulher. Nas palavras de Domezzi (2016, p.127): “a recepção do Concílio na América Latina teve sua originalidade e, da parte das mulheres atuantes desde o espaço das CEBs, chegou a alguns avanços importantes e até

inusitados”. Foi após o Concílio Vaticano II que, por meio da Teologia da Libertação e sua expressão nas CEBs, ocorreu a emergência, entre outros fatores, do sujeito feminino na Igreja. Tais modelos eclesiais foram importantes parâmetros na vida das colaboradoras dessa pesquisa. As entrevistadas reconhecem que, no modelo de igreja proporcionado pelo Concílio Vaticano II, houve avanços no que se refere à participação de mulheres na Igreja, conquanto, sinalizaram para lacunas e posturas que ainda impedem a participação efetiva da mulher na Igreja.

Acerca dos direitos reprodutivos das mulheres, acenamos para aspectos relacionados com a maternidade e ao aborto. Sobre o aborto vemos o pensamento e a opinião dessas mulheres. **M.^a Rita Rios** é enfática: “sou totalmente contra, eu creio que nada, nada pode justificar você eliminar uma vida que não pode se defender, jamais”.

M.^a de Fátima do Nascimento também expõe sua opinião:

Eu não sou a favor não, porque, acho que o aborto é tirando uma vida, tirando uma criança. Igual aquele caso que saiu na televisão agora uma pessoa que enterrou uma criancinha viva, como é que uma pessoa enterra uma pessoa viva gente!? Você viu?

Letícia Rocha: Não assisti.

M.^a de Fátima do Nascimento: Passou moça esses dias. Como pode um trem desse? Dá até medo na gente. Uma pessoa fazer isso com um bebezinho inocente... Não sou a favor, não.

Compactuando com a opinião das outras entrevistadas, **Celecina Madureira** também diz ser contra o aborto. Quando questionamos se sua opinião seria contrária em qualquer circunstância, ela demonstra em algum momento a possibilidade de pensar no assunto a partir de um possível amadurecimento de suas ideias, mas logo ela volta atrás e justifica que isso seria difícil por ir contra valores religiosos que ela conserva:

Aí é difícil, é a vida, tirar a vida. Deus dá a vida com tanto carinho, doou a vida, e vai uma pessoa, e apaga aquele sopro da vida. Então, eu vejo muito doloroso, além de tudo, as mulheres ficam muito fragilizadas, um sofrimento tão grande justamente por que... por não querer, mas é a situação que faz esse não querer aquela criança, aquele feto. Eu não sou a favor do aborto de jeito nenhum, peço muito a Deus que um dia possamos todos nós conscientizar disso aí.

Letícia Rocha: Em nenhuma circunstância?

Celecina Madureira: Isso é uma coisa assim, que eu penso que ainda tenho que amadurecer diante disso aí, mas acho que... olhando para minha fé e pro lado religioso, eu vejo que Deus é todo amparo, doador da vida, deve a ele, portanto, cabe a ele tirar. Acho que não estou suficientemente madura, preparada para responder assim, mas meu pensamento é esse.

Leticia Rocha

Francisca Rodrigues demonstra estar em concordância com a Igreja, contra o aborto e em defesa da vida. Contudo, ela se posiciona de maneira crítica e destaca que também existem outras questões envolvidas, as quais o aborto pode interessar, por exemplo, o comércio.

O aborto? O aborto é uma vida em jogo, né? E nós como igreja, a gente luta contra o aborto para defender a vida. Mas a massa, a grande massa sem consciência, e tem aqueles que querem fazer disso aí, talvez, até um comércio, né Leticia? Como existe e, às vezes a gente não tem coragem de denunciar, eu acho que se a gente unisse mais contra o aborto, e a favor da vida, talvez, a gente ganharia essa causa. Mas vamos ganhar o que tiver ao alcance ir fazendo, esclarecendo para as pessoas, principalmente para esse povo mais novo, né? É a vida em jogo.

Com opinião semelhante, **Flávia Almeida** também se posiciona contra o aborto. Contudo, ela chama a atenção para alguns casos específicos, diante dos quais ela acredita que é preciso considerar os fatores externos às questões religiosas, mesmo sendo questões pontuais. Como comenta a seguir:

Olha Leticia, é uma questão muito séria. Eu defendo a vida, eu sou contra o aborto. É uma vida, dada por Deus. O feto tem que cuidar mais do que se fosse grande, só tem a proteção da mãe, ele não pode cuidar por si só. Sou contra o aborto. Agora temos que entender, tem casos igual, por exemplo, teve um caso real vou te contar. Quando estava no conselho tutelar, tinha uma criança de 12 anos que engravidou. Só que uma menininha que não tinha desenvolvido nada, raquítica, desnutrida, uma criança que desenvolve ali não tinha como desenvolver no corpo dessa criança. Não tem jeito, temos que decidir entre uma vida ou outra nesse caso, aí é até favorável. Outro caso de uma menina deficiente que engravidou e, a gravidez foi gerada numa trompa... eu não entendo o caso direito, só que não teria condições de gerar uma criança da forma que estava. Há casos e circunstâncias que precisa acontecer.

Outra colaboradora destaca que milita, inclusive, em grupos de redes sociais contra o aborto. Contudo, ela preferiu destacar o trabalho social realizado com adolescentes na periferia de Montes Claros. Propriamente em relação ao aborto, ela não aprofundou muito o tema no seu relato:

Ah eu sou contra, totalmente contra. Eu acho que se você tirou a vida de uma pessoa, de um ser dentro de você, é a mesma coisa que tirar a vida de uma pessoa que está perto. O que eu posso fazer de campanha para tirar isso da cabeça das pessoas, eu faço.

Leticia Lopes: Participa de algum grupo que luta nesse sentido?

Letícia Rocha

M.^a Isméria Ezequiel: Participo assim, pela internet. Quando eu vejo que é um grupo sadio, e que é contra eu entro, participo mesmo, divulgo. E outra coisa Letícia, eu acho que meu trabalho social dentro da paróquia, e dentro da diocese, é de eu ver o tanto de adolescente que eu tirei de lá de dentro dos lugares mais terríveis, e hoje eu vejo que venceram, tem dois que é advogado, um é biomédico, um tá fazendo faculdade de designer, eu tirei ele de dentro da Vila Mauricéia, rudiado de traficantes... saber que foi meninos que eu tirei do meio que não dava pra eles viver. Às vezes eu estou em casa, e eles me liga falando Isméria eu vou aí. Então, eu vejo esses meninos, foi algo que eu fiz, eu busquei, pus eles na caminhada (M.^a ISMÉRIA EZEQUIEL, 2018).

Fundamentada nos valores religiosos, **M.^a de Fátima Monção** destacou: “Eu sou contra, né. Extremamente contra, porque essa decisão de uma vida é Deus. A decisão de uma vida é Deus, e não da mulher e do homem”. Para emitir sua opinião sobre o assunto, **Olga Silva** evoca sua experiência como mãe e demonstra não estar de acordo em hipótese alguma quando o assunto é o aborto, inclusive, destaca o aspecto jurídico, o fato de ser crime: “Pra mim, é inconcebível, é uma pessoa. A partir do momento que a pessoa é gerada, você já sente. Eu que tive sete filhos eu sei, a partir do momento que a gente espera um filho, a gente muda toda, tudo muda em você. Sabe que está com um ser dentro de você. É um crime, em hipótese nenhuma” (OLGA SILVA, 2018).

Pelas narrativas das mulheres, a inserção religiosa de todas ainda na infância, o local de origem, lembramos o espaço sertanejo marcado por fortes expressões de machismo, e, mormente sobre o auspício do tradicionalismo cristão católico predominante na região, referendou um modo de participação na Igreja. Denotamos que o projeto a atravessar suas histórias foi o matrimônio como opção cristã válida para a época, por isso, todas casaram-se ainda na juventude e logo assumiram a maternidade. **Francisca Rodrigues** em tom jocoso nos disse: “Aí os meninos vieram mais, mais filhos, segundo o povo fala, não tinha televisão (risos)”.

No tocante à prática do aborto, todas relataram que é uma prática inconcebível, suas respostas caminham no discurso da sacralidade da vida, pois é dom de Deus, portanto, exige respeito. Destacamos que todas as mulheres participantes dessa pesquisa encontram-se alocadas na periferia da cidade e é nas periferias que ocorrem os maiores números de abortos clandestinos com graves sequelas para as mulheres, especialmente, as pobres e negras que se veem obrigadas em algum momento de suas vidas a recorrer a essa prática.

Observações finais:

A teologia da libertação e a teologia feminista emerge no berço fértil da Igreja latino-americana após a abertura eclesial impulsionada pelo Concílio Vaticano (1962-1965), buscam resgatar as culturas subsumidas e subalternas, enfim, as colocam no centro das discussões e ações. Nesse sentido, tais teologias buscam dar respostas às situações de exclusão das culturas e povos nativos, considerando o passado colonial e as sequelas desse, a colonialidade e suas expressões de poder, saber, ser e gênero.

A teologia da libertação em sua elaboração epistemológica por homens que se inclinaram pelas situações degradantes que viviam o povo latino-americano, formulam esse aporte teológico com forte apelo socioeconômico. Nesse sentido, alguns temas foram omitidos, como questões que dizem respeito à sexualidade, as imagens patriarcais de Deus, direitos sexuais e direitos reprodutivos, a violência de gênero. Estes e outros assuntos encontram respaldo nas reflexões empreendidas por mulheres teólogas que assumiram a vertente teológica feminista. Uma teologia que buscou trazer para o centro das discussões o cotidiano de vida das mulheres. As teólogas feministas realizaram diversas críticas aos teólogos da libertação, conforme, verificamos na contundência do pensamento de Marcella Althaus-Reid.

A mesma crítica pode ser percebida no pensamento da feminista decolonial Breny Mendonza (2014, p.99), que é enfática ao mencionar os teólogos da libertação: “Los teólogos de la liberación que bien reconocen el sufrimiento de clase, aceptan si discusión la doctrina del Vaticano cuando se trata de los derechos reproductivos de las mujeres”. Mendonza ainda apresenta críticas aos autores Aníbal Quijano e Enrique Dussel que, ao abordar gênero em seus estudos, ainda o fazem desde uma perspectiva demasiado colonial e masculina, que obstaculiza uma análise pormenorizada da mulher e suas especificidades. Há um silêncio ensurdecido na teologia da libertação no que se refere aos direitos reprodutivos da mulher. Para esta autora, esses teólogos são coniventes com a doutrina vaticana que omite e esquece questões importantes para o universo feminino. Nesse aspecto apresentam divergências e tensões entre as teologias da libertação e feminista.

No tocante, aos discursos apresentados pelas mulheres participantes do estudo, estes carregam consigo suas idiosincrasias e estão imbricadas com a experiência religiosa da infância e juventude nas suas cidades de origem. Ao evocarem o sofrimento das pessoas que vivem à margem da sociedade montesclarenses, o fazem tendo como referência o horizonte teológico da libertação e esqueceram-se de trazer à baila uma discussão mais consistente e

eficaz sobre assuntos que dizem respeito à realidade da mulher. Parece haver ausência de uma reflexão de caráter mais feminista que possibilitasse a leitura de entendimento da realidade experimentadas por elas.

Pelo exposto, somos tentadas a concluir que a Teologia Feminista não alcançou a experiência das CEBs dessas mulheres. Elas se alimentaram dos discursos teológicos da libertação, que há de se considerar contribuíram para transformar o curso da história de cada uma. Porém seguiram atreladas aos modelos patriarcais e machistas impostos por esse segmento teológico, sem, contudo, apresentar horizontes mais libertadores e descolonizadores para suas trajetórias.

Referências:

AQUINO, María; TÁMEZ, Elza. **Teología Feminista Latinoamericana**. Plurimonor, Quito, Ecuador, 1998.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II- De Medellín a Santo Domingo**. 2. Ed., Petropolis, RJ:Vozes, 1993.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: A Reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CURIEL, Ochy. **Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial**. In: AZKUE, Irantzu Mendia; LUXÁN, Marta; LEGARRETA, Matxalen; GUZMÁN, Gloria; ZIRION, Iker; CARBALLO, Jokin Azpiazu. (eds.). *Otras formas de (re)conocer. Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista*. Bilbao-ES, UPU/EHU, 2014.

BRUNELLI, Delir. **Libertação da mulher. Um desafio para a Igreja e a vida religiosa da América Latina**. Publicações CRB, Rio de Janeiro, 1988.

DALY, Mary. **The Church and the Second Sex**. New York, Harper & Row, 1968, p.221.

DOMEZZI, Maria Cecilia. **Mulheres do Concílio Vaticano II**. Paulus, São Paulo, 2016 (Coleção Marco Conciliar).

Dossiê Violência doméstica e familiar, 2014. Agência Patrícia Galvão. Disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-as-mulheres/> Acesso em: 31 jan. 2019.

DUSSEL, Enrique. **Historia de la Iglesia en América Latina. Medio Milenio de coloniaje y liberación (1492-1992)**. Madrid-Espana, 6. ed. Mundo Negro, 1992.

LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

MENDONZA, Breny. **La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo.** In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gomes; MUÑOZ, Karina Ochoa (editoras). Tejiendo de outro modo: Feminismo, epistemologia e apuestas descoloniales en Abya Yala. Ed. UC. Universidade del Cauca, 2014.

OROFINO, Francisco. **Francisco e a igreja em saída.** In: CARIAS, Celso; RODRIGUES, Solange. CEBs: Igreja em saída. Rio de Janeiro, GraVida, 2018.

REID, Marcella Althaus. **La teología indecente. Perversiones teológicas en sexo, género e política.** Ediciones bella terra, Barcelona, 2005.

_____. **Marx en un Bar Gay: La Teología Indecente como una Reflexión sobre la Teología de la Liberación y la Sexualidad.** NUMEM- Revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, p. 55-69, v.11, nº 1 e 2, 2008. Disponível em <http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/numem/article/view/21772> Acesso em: 19 nov. 2018

ROCHA, Letícia Aparecida Ferreira Lopes. **Mulheres e CEB's em Montes Claros-M.G: descolonialidade e empoderamento.** São Bernardo do Campo-SP, 2019 (Dissertação de Mestrado).

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos. Y una antropología por demanda.** 1 ed. Ciudad Autonoma de Beunos: Prometeo Libros, 2015.

SOUZA, Maria Clarice Rodrigues. **Violência contra mulheres: Uma questão de gênero- Montes Claros 1985-1994.** Uberlândia-MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. (Dissertação de mestrado).

SUNG, Jung Mo. **Teologia e Economia. Repensando a teologia da libertação e utopias.** São Paulo: Fonte Editorial, 2008.